



*Entremez popular, escrito a partir de uma peça tradicional,
anônima, do mamulengo nordestino.*

O TIRATEIMA — *(Aparecendo à guisa de Prólogo.)* Meus senhores e minhas senhoras, vai começar o espetáculo. E, para começar, apresento uma comédia “demorosa”, chamada *O Rico Avarento*. Minhas comédias são de dois tipos, as “ligeiras”, as que passam mais ligeiro, e as “demorosas”, as mais demoradas. Esta é “demorosa”. Mas, antes, é preciso que eu me apresente. Eu sou o Tirateima conhecido, o Tirateima falado! Meu nome todo é Tirateima José de Carvalho Almeida Tibúrcio Tinoco Francisco de Lima Machado Graveto da Purificação. Pois bem, o negócio é esse, “escreveu, não leu, o cacete comeu”! Dizem que aqui mora um homem muito rico. Eu vou ver se ele me dá emprego! É até bom mesmo, oba! Estou parado! Ô de casa!

O RICO — *(Aparecendo.)* Ô de fora! Quem é?

TIRATEIMA — Sou eu! Ouvi dizer que o senhor está precisando de um empregado?

O RICO — Por que pergunta? Você quer se empregar, é?

TIRATEIMA — É!

O RICO — Está bem, talvez eu lhe dê o emprego! Mas você já sabe como é meu sistema de vida? Já sabe como é o negócio aqui? Quero você para mestre-sala meu!

TIRATEIMA — Pois está certo, eu fico! Lascado do jeito que eu estou, até emprego de quebrar pedra de bofete me serve!

O RICO — Onde é que você mora?

TIRATEIMA — Na zona, no “Rói-Couro”, na Rua da Carniça!

O RICO — E como é o seu nome?

TIRATEIMA — Eu sou o Tirateima falado, aprovado pelo Laboratório Bromatológico da Chapuletada! Minha lei é “escreveu, não leu, o cacete comeu”!

O RICO — Bom, então vá logo sabendo que eu não dou esmola a ninguém! Não gosto de ter despesa, nem recebendo visita! Pra você saber como é minha lei, aqui, basta que eu lhe diga que não visito a casa da minha mãe para ela não visitar a minha!

TIRATEIMA — Está bem, a gente vê logo que o senhor é um homem muito bom, muito direito! Agora me diga uma coisa: aqui trabalhava uma preta velha, com o senhor; foi até por ela que eu tive notícia da sua casa. Onde é que anda essa preta velha, que era tão boa?

O RICO — Botei pra fora do emprego, por causa dum pires de farofa que ela quebrou!

Abaixa, saindo de cena.

TIRATEIMA — (Só.) Está aí um cidadão decente, um sujeito bom! Não visita a casa da mãe pra ela não visitar a dele, dando despesa, e botou a pobre da negra velha pra fora por causa dum pires de farofa que ela quebrou! Estou arranjado! Mas, o que é aquilo ali? Menino, olha! Uma galinha assada! Assadinha que está uma beleza! Chega está brilhando!

O RICO — (Reaparecendo, apavorado.) Epa! Largue essa galinha!

TIRATEIMA — *(Empurrando-o.)* Espere, espere lá! Isso não é assim, como o senhor está pensando, não! Que é isso?

O RICO — Me dê minha galinha! Essa galinha eu matei, faz duas semanas, e estou comendo de pedaço em pedaço, todo dia!

TIRATEIMA — Minha Nossa Senhora, duas semanas? E como é que o senhor faz?

O RICO — Bem, no café eu como o fígado, no almoço os pés, no jantar um pedacinho da asa, e assim ela, sozinha, vai dando pra me sustentar! Não precisa mais!

Quem-se palmas e um gemido.

TIRATEIMA — Danou-se, patrão, o que será isso?

O RICO — Sei não, vá ver! Vá ver, mestre-sala!

A CEGA — *(Aparecendo e batendo palmas.)* Me dê uma esmola pelo amor de Deus!

TIRATEIMA — Uma esmola? Quem é você? O que é que há, minha velha?

A CEGA — É uma velha do olho furado! Estou pedindo uma esmola pelo amor de Deus!

O RICO — O que é, mestre-sala?

TIRATEIMA — Meu patrão, é uma velhinha cega, que está pedindo uma esmola!

O RICO — Dou não! Eu não já lhe disse qual é minha lei? Não dou esmola a ninguém e não visito a casa da minha mãe que é pra ela não visitar a minha!

TIRATEIMA — Mas patrão, ela tem um olho furado, é a coisa mais horrível desse mundo!

O RICO — Não tem isso não, não fui eu que furei o olho dela! Diga a ela que venha aqui pra eu furar o outro, que aí eu tenho obrigação com ela e dou a esmola!

TIRATEIMA — Olhe, minha velha, eu falei com o patrão e não pode ser não. Vá procurar um trabalho por aí e acabe com essa história de pedir esmola só porque tem um olho furado. Foi o patrão quem disse, não sou eu não!

A CEGA — Como é? Que história amaldiçoada é essa?

TIRATEIMA — É isso mesmo, vá procurar um emprego, que o patrão disse que só lhe dava esmola se tivesse sido ele quem furou seu olho! Foi ele quem disse, não sou eu não!

A CEGA — Vá ver que é você mesmo quem está dizendo isso, por sua conta!

TIRATEIMA — É não, velhinha, foi ele! Ele não dá esmola a ninguém e não visita a casa da mãe pra ela não visitar a dele!

A CEGA — Pois então o Diabo dos infernos que persiga esse desgraçado, de dia, de noite, na comida e na bebida!

A CEGA *abaixa, saindo.*

TIRATEIMA — Patrão! Patrão!

O RICO — Que é, mestre-sala?

TIRATEIMA — A cega rogou ao senhor a pior praga que eu já vi no mundo!

O RICO — Tem nada não! Praga não pega em rico não, só pega em pobre! E eu tenho dinheiro que dá pra comprar o céu, a terra e o mar!

TIRATEIMA — Mas, patrão!...

O RICO — É isso mesmo, e ai! (*Novas palmas.*) Mestre-sala!

TIRATEIMA — Que é, patrão?

O RICO — Estão batendo, vá ver o que é!

Aparece uma velha MENDIGA, horrorosamente feia.

TIRATEIMA — Ai, patrão, pelo amor de Deus! É a velha mais feia que eu já vi na minha vida! (*Persigna-se.*) Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo...

O RICO — Vá ver o que é que ela quer, mestre-sala! Pode ser coisa que me dê algum lucro!

TIRATEIMA — Minha velha, o que é que você quer? Ave Maria, que cara feia da gota! Em nome do Pai, do Filho, da filha, da mãe, da raça toda... Que é que há, minha velha?

MENDIGA — É uma velha, sozinha no mundo, com quatro filhos com fome e que já faz dois dias que não come! Me dê uma esmola pelo amor de Deus!

TIRATEIMA — Ai, patrão, pelo amor de Deus e de Nossa Senhora, dessa vez dê!

O RICO — Já vem esse besta com a piedade dele! O que é, mestre-sala?

TIRATEIMA — É uma velhinha, só no mundo, patrão! Está com quatro filhos sem comer, já faz dois dias! Dê uma esmola a ela!

O RICO — Dou não! Não tem isso comigo não! Eu não sou o pai dos filhos dela! Diga a ela que mostre a certidão provando que eu sou o pai dos meninos, que aí eu dou a esmola!

TIRATEIMA — Olhe, minha velha, não pode ser não! Vá trabalhar! Vá ver se arranja uma lavagem de roupa por aí, que o patrão não dá esmola a gente preguiçosa não! Foi o patrão quem disse, não sou eu não!

MENDIGA — Vá ver que é você mesmo quem está dizendo isso, miserável!

TIRATEIMA — Foi não, velhinha, foi o patrão!

MENDIGA — Pois o Diabo dos infernos carregue esse peste, e que venha atentar ele de noite, de dia, na comida, na bebida e na dormida!

Sai.

TIRATEIMA — Ai, meu Deus! Em nome do Pai, do Filho, da filha, da mãe, da prima, da cunhada, da raça toda!

O RICO — O que é, mestre-sala?

TIRATEIMA — Patrão, a velha rogou uma praga ao senhor que Ave Maria! Só o senhor vendo: ela disse que o Diabo carregasse o senhor, que viesse lhe atentar de noite, de dia, na comida, na bebida e na dormida!

O RICO — Tem nada não, mestre-sala! Eu acredito, lá, nessas coisas de Diabo e de praga! Eu sou um homem que só tenho certeza que existe, mesmo, eu! O resto, é fumaça! (*Ouvem-se berros e espirros de bode, aquilo que, no Sertão, se chama de “bodejados”.*) Xô, bode! (*Novos bodejados: bâ-â-â! Puf, puf.*) Oxente, estou ouvindo uns bodejados esquisitos! De onde diabo vem tanto bode? Você ouviu uns bodejados, mestre-sala?

TIRATEIMA — O patrão me desculpe, mas aqui não tem bode nenhum, não!

Ouvem-se palmas.

O RICO — Mestre-sala!

TIRATEIMA — Que é, patrão?

O RICO — Estão batendo, vá ver o que é!

Aparece um velho MENDIGO horroroso, de enorme cabeleira de estopa.

TIRATEIMA — O que é que você quer, meu velho?

MENDIGO — Ai! Me dê uma esmola, pelo amor de Nossa Senhora! Faz três dias que eu não como!

TIRATEIMA — Ai, patrãozinho, pelo amor de Deus!

O RICO — O que é, mestre-sala? Ah, homem duma piedade sem jeito!

TIRATEIMA — Patrão, é um velho que faz três dias que não come! Me diga uma coisa: embaixo do fogão, lá dentro, não tem um pedaço de pão que o

senhor me disse que está guardado há três meses?

O RICO — Tem.

TIRATEIMA — Deixe eu dar esse pão ao velho! Ele molha por aí, amolece um pouquinho e come!

O RICO — Ah, não! Quer me dar prejuízo, é, mestre-sala? Aquele pedaço de pão ainda pode me servir muito! Eu passo ele no moinho, moo bem moidinho, e mando fazer sopa de farinha de pão pra mim!

TIRATEIMA — Mas patrão, o velho faz três dias que não come!

O RICO — E o que é que eu tenho a ver com isso? Você diga a ele que venha aqui, deixe eu furar o bucho dele com uma faca, que aí eu tenho alguma obrigação de dar esmola a ele e dou!

TIRATEIMA — *(Resignado.)* É, tem razão! Está certo, não foi o senhor que botou o velho nessa situação, não tem obrigação nenhuma com ele! Olhe aqui, meu velho, vá trabalhar, que não tem esmola não! Foi o patrão quem disse, não sou eu não!

MEENDIGO — Ah, foi seu patrão, foi? Pois o Diabo do inferno que persiga ele de noite, de dia, na comida, na bebida e na dormida!

O MEENDIGO *abaixa, saindo. O RICO dá um grito e cai.*

O RICO — Ai!

TIRATEIMA — Eita, que deu a macaxeira na canela do patrão! Que terá sido, meu Deus? Ou foi sibilica do macarrão preto, ou então foi estopô-badoque!

O RICO — (*Gemendo.*) Mestre-sala!

TIRATEIMA — Que é, patrão?

O RICO — Eu estou ruim, mestre-sala!

TIRATEIMA — É mesmo, patrão? Mas não se incomode não, que eu vou tomar uma providência!

O RICO — Que é que você vai fazer, mestre-sala?

TIRATEIMA — Vou levar o senhor para a Maternidade, para o Hospital Bromatológico da Chapuletada dos Bêbados! Eu acho que o senhor está muito é bêbado! (*Grita.*) Motorista! Ô Motorista! Seu Fuxico! Venha cá!

FUXICO — (*Aparecendo.*) Que é?

TIRATEIMA — Eu queria que o senhor levasse meu patrão, no seu carro, ali para a Maternidade do Hospital dos Bêbados! Você leva?

FUXICO — Oxente, levo! Pagando, eu levo!

TIRATEIMA — Por quanto?

FUXICO — Levo por dois contos! (*Sai.*)

TIRATEIMA — Patrão!

O RICO — Ai, mestre-sala, eu estou ruim! Dessa eu não escapo, mestre-sala!

TIRATEIMA — O patrão não tenha medo não, que eu já arranjei um carro de aluguel para levar o senhor para o Hospital. Chegando lá vivo, o senhor escapa!

O RICO — Um carro de aluguel? E quanto vai custar isso?

TIRATEIMA — Dois contos!

O RICO — *(Erguendo a cabeça.)* Quanto?

TIRATEIMA — Dois contos!

O RICO — Oxente, quero nada! Quero o quê! Dois contos! Isso é uma exploração, um fim de mundo! Pago nada!

TIRATEIMA — Então, eu vou chamar, ali perto, a negra Fortunata, de Seu Jairo! Ela faz uma xícara de chá de quebra-pedra, o patrão toma e escapa!

O RICO — Uma xícara de chá? E é pago?

TIRATEIMA — Bem, o senhor dá, aí, qualquer coisinha a ela!

O RICO — Pagamento por xícara de chá? É um fim de mundo! Pago nada!

TIRATEIMA — Ah, não paga não, é? Patrão, eu vou lhe dizer uma coisa: minha paciência é curta e acabou-se, viu? *(Dá-lhe uma cacetada.)* Tome aí a passagem do ônibus!

O RICO — Ai! Meu Deus, parece que caiu um pedaço do céu na minha cabeça! Que foi isso, mestre-sala? Quase me estoura os ouvidos!

TIRATEIMA — Não vi direito não, patrão, acho que foi um caibro que caiu lá de cima, do telhado! Caiu lá de cima e foi mesmo em cima de sua cabeça!

Ouve-se, fora, a voz do CANITO, bodejando.

VOZ DO CANITO — Bé-é-é! Bé-é-é! Puf! Puf!

O RICO — *(Zonzo.)* Mestre-sala, olhe os bodes!

TIRATEIMA — Não é bode não, patrão!

O RICO reergue a cabeça e balança-a.

O RICO — Estou melhor, agora! Ai, quase morro dessa!

TIRATEIMA — O que foi que o senhor teve, hein? Estourou o alferes-queirós?
Teve um infausto do leocádio?

O RICO — Não, eu tive uma biloura de desgosto!

TIRATEIMA — Desgosto por quê?

O RICO — Eu perdi um botão do meu paletó! Quando descobri isso, tive um desgosto tão danado, por causa do prejuízo, que caí, ciscando!

TIRATEIMA — Quer dizer que aquilo tudo foi por causa dum botão, foi? Era um botão de ouro, herdado de seu avô, patrão?

O RICO — Não, era um botão de osso, herdado de meu pai, mesmo! Um desses, que a gente compra uma dúzia por dez tostões.

TIRATEIMA — É, tem razão, perder-se um botão desse, é danado!

O RICO — Mas tem uma coisa: eu não perco esse botão de jeito nenhum! E você é quem vai achar ele pra mim, mestre-sala! Vá procurar!

TIRATEIMA — Onde foi que o senhor perdeu o botão?

O RICO — Ah, não vi quando ele caiu não! Você vá aí para a frente da casa, varra a rua todinha, peneire a poeira e assim acha!

TIRATEIMA — Ah, entendi, é fácil! Eu vou pra rua, varro a terra todinha, passo na peneira e acho, não é? Ô patrão, me diga uma coisa: o senhor ainda tem mãe viva?

O RICO — Tenho!

TIRATEIMA — Pois mande sua mãe varrer e achar seu botão, viu? Eu não vou não!

O RICO — O quê, atrevido?

TIRATEIMA — Prefiro sair do emprego!

O RICO — Então saia! Está na rua!

TIRATEIMA — Espere! E meu dinheiro? Quero fazer minhas contas!

O RICO — Suas contas? É fácil! Com quanto você chegou aqui?

TIRATEIMA — Com nada!

O RICO — E quanto tem agora?

TIRATEIMA — Nada!

O RICO — Pois quem de nada tira nada, é nada! Rua!

O CANITO aparece no limiar, bodejando.

TIRATEIMA — Ai, patrão, que o Diabo está ali! É o Cão, patrão!

O RICO — É nada, é um bode! Xô, xô, bode!

TIRATEIMA — Patrão, corra, que é o Cão!

Desaparece. O CANITO continua bodejando.

O RICO — Tá, agora estou sem empregado! (*Bodejados do CANITO.*) Ah, bode impertinente dos seiscentos diabos! E, além do mais, eu sem empregado, pra botar esses bodes pra fora! Xô, bode! (*O CANITO entra de vez.*) Vote, o que é aquilo? Ô cabrita preta e feia dos seiscentos diabos!

CANITO — Bé-é-é! Puf! Puf!

O RICO — Xô, bode!

CANITO — Xô bode? Xô bode, o quê? Você vai é viajar comigo, agora mesmo, pra minha terra!

O RICO — Eu...

CANITO — Calado aí, viu? Não se admire não! Sabe quem sou eu? Sou o Canito Chefe do Inferno!

O RICO — Mas eu...

CANITO — Calado, aí!

O RICO — Eu...

CANITO — *(Dando-lhe botes.)* Calado! Cale já a boca! Eu não já lhe disse que se calasse?

O RICO — Pronto, estou calado, não falo mais não!

CANITO — Agora é que você vai ver o negócio como é, pra quem não presta! Você não se lembra daquela velha que tinha o olho furado e que lhe pediu esmola?

O RICO — Me lembro!

CANITO — Pois aquilo era eu! Você não se lembra da velha que tinha quatro filhos?

O RICO — Me lembro!

CANITO — Pois aquilo era eu! Você não se lembra do pobre que lhe pediu esmola e você disse que ia moer um pedaço de pão pra fazer sopa e negou a ele?

O RICO — Me lembro!

CANITO — Aquilo era eu! Pois bem: eu vim pra carregar você pro Inferno! Você só tem sete dias de vida! Se daqui para eu voltar, você conseguir quem reze um Padre-Nosso e uma Ave-Maria por você, você escapa! Se não, está lascado! Veja lá, viu?

Abaixa, desaparecendo.

O RICO — Danou-se! Sabe que o negócio está se apertando pro meu lado? Quem quer rezar um Padre-Nosso por mim, aí? Dou um conto por um Padre-Nosso e outro por uma Ave-Maria! Como é? Não aparece ninguém não, é? O negócio, pra mim, não está bom não! (*Ouvem-se novos bodejados, no limiar.*) Eita, ai! Minha Nossa Senhora, lá vem a cabrita preta! Ai!

Aparece o CÃO COXO.

CÃO COXO — Os sete dias se passaram! Você está desgraçado! Bé-é-é! Puf, puf!

Aparece o CÃO CIÚME.

CÃO CIÚME — Já ouviu falar no Cão Ciúme? É esse que está lhe falando! Você agora vai pro fogo! Bé-é-é! Puf, puf!

O RICO — Ai! Pra todo lado que eu me viro tem uma cabrita preta me olhando! Ai, que lá vem o Canito!

Aparece o CANITO.

CANITO — É agora! Pega! Segura! Leva! Bé-é-é! Puf, puf!

O RICO — *(Agarrado pelos três.)* Ai, estou lascado, eu já vi que vou mesmo! Ai! Ai! Minha gente, adeus! Dê lembrança a esse povo que maltrata os outros e não dá esmola!

Desaparece, agarrado estreitamente pelos bodes que vão abraçados a ele. Aparece o TIRATEIMA.

TIRATEIMA — Oxente, o que é que há por aqui? A casa está soturna! Cadê o patrão? *(Ouvem-se bodejados.)* Ih, que lá vem a cabrita preta!

Aparece o CANITO.

CANITO — Bé-é-é! Puf, puf!

TIRATEIMA — Bé-é-é, o quê? Você pensa que eu sou o patrão, é? *(Novos bodejados.)* Vá pra lá! Vá pra lá, viu? Cadê o patrão?

CANITO — Seu patrão já está é na terceira caldeira do Inferno! E você vai pra lá também!

TIRATEIMA — Espera lá, rapaz! Sai de junto de mim! Você sabe quem sou eu, sabe? Eu sou o Tirateima falado, aprovado pelo Laboratório Bromatológico da Chapuletada! Escreveu, não leu, o cacete comeu!

CANITO — Você vai comigo e é já! Bé-é-é! Puf, puf!

TIRATEIMA — Ai! Sabe do que mais? Espere aí, viu, cabrita? Parece que você é meio analfabeta, e só eu indo, ali, buscar um livro pra ensinar a você! Espere aí que eu já volto com o livro de que você está precisando!

Desaparece e reaparece com um cacete, dando uma chapuletada na cabeça do CAJITO.

TIRATEIMA — Tome! Isso aí, é a passagem do ônibus, viu? Agora, tome o troco! *(Dá-lhe outra cacetada.)* Conheceu, bichinha? Esse aqui é o Tirateima falado! *(Aparece o CÃO COXO.)* Oi, vem outro, é? Não venha não, meu filho, que você se estraga! *(Os dois vão se abraçando, aos poucos, a ele.)* Nem venham! Nem se metam, que eu não vou não! Eu nasci foi pra ser homem, e o homem, quando é homem, mesmo, dá a cabeça pra lascar mas não grita! Eu não vou não! *(Aparece o CÃO CIÚME.)* Ah, e vem outro, é? Danou-se, que eu, agora, estou é cercado de cão por todo lado! Eu não vou não! Ai, ai, ai, parece que estão me levando? Danou-se! Sabe que eu não vou, mesmo? Eu não vou não! Desarreda, que eu não vou! Ai, desarreda, que eu não vou! E desarreda, que eu não vou! E desarreda, que eu não vou! Danou-se, o negócio está se apertando! Sabe do que mais? Desarreda, viu, cãozinho? *(Empurra um com o cacete, consegue se desvencilhar e começa a dar chapuletadas nos três cães.)* Eu não vou não! Eu não disse que não ia? Está vendo, Canito duma figa? Aqui é o Tirateima! Desarreda de junto de mim, viu? Está vendo? Comigo é assim: escreveu, não leu, o pau comeu! Está aí a passagem do ônibus! Agora, tome o troco! Está vendo? Está vendo, cãozinho?

Os cães, batidos, saem dando berros.

TIRATEIMA — Era o que faltava, um sujeito como eu ir para o Inferno, assim! Aqui é o Tirateima falado, aprovado pelo Laboratório Bromatológico da Chapuletada! *(Canta.)*

Eu tomei muita cachaça,
comi muito amendoim:
o Maioral do Inferno
correu com medo de mim!

Minhas senhoras e meus senhores, termina aqui a representação da comédia demorosa *O Rico Avarento*.

